

ARTIGO

“NINGUÉM ESTÁ SEGURO!” EFEITOS DA PREVENÇÃO CRIMINAL PELO *DESIGN* AMBIENTAL (CPTED) NO MEDO DO CRIME PESSOAL E ALTRUÍSTA

ISÂNGELO SENNA DA COSTA

Tenente-coronel da Polícia Militar do Distrito Federal e docente do Instituto Superior de Ciências Policiais (ISCP). Doutor e mestre em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília, graduado em Segurança Pública pelo ISCP e em Direito pela Universidade Católica de Brasília.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: isangelosenna@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7002-3350>

ALFREDO AMORIM ODORICO

Tenente-Coronel da Polícia Militar do Distrito Federal. Graduado e pós-graduado em Segurança Pública pelo Instituto Superior de Ciências Policiais (ISCP) e também pós-graduado em Análise Criminal pela Universidade Católica de Brasília.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: odorico.pmdf@gmail.com **ORCID:** <http://orcid.org/0009-0000-6459-9743>

JEFFERSON MENEZES ISMAIL

Tenente-Coronel da Polícia Militar do Distrito Federal. Graduado e pós-graduado em Segurança Pública pelo Instituto Superior de Ciências Policiais (ISCP), formado em Direito pela Universidade Euroamericana (UniEuro) e pós-graduado em Gestão da Aprendizagem pela Universidade UniCeub.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: menezesismail@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0008-5869-5112>

FÁBIO IGLESIAS

Professor Associado de Psicologia da Universidade de Brasília, onde é Diretor do Influencia, laboratório de ciências comportamentais aplicadas. Atualmente, faz parte da equipe do Ministério de Gestão e Inovação de Serviços Públicos, como membro da Equipe de *Insights* Comportamentais do Governo Federal.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

E-mail: iglesias@unb.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2217-5296>

Contribuição dos autores: Isângelo Senna: concepção/delineamento, adaptação de instrumentos, análise/interpretação dos dados, redação, revisão crítica e aprovação final. Alfredo Amorim Odorico: revisão da literatura, coleta, interpretação dos dados, redação, revisão crítica e aprovação final. Jefferson Menezes Ismail: coleta, interpretação dos dados, redação, revisão crítica e aprovação final. Fábio Iglesias: orientação metodológica, adaptação de instrumentos, interpretação dos dados, redação, revisão crítica e aprovação final.

Agradecimentos: Agradecemos a Polícia Militar do Distrito Federal, que por meio do Instituto Superior de Ciências Policiais (ISCP), propiciou todos os recursos humanos e materiais necessários para a realização da pesquisa.

RESUMO

A Prevenção do Crime por Meio do *Design* Ambiental (CPTED) constitui uma abordagem popular de planejamento urbano para o enfrentamento dos crimes reais e percebidos. Por exemplo, o modelo é amplamente utilizado para recuperar bairros degradados que possuem problemas quanto à segurança pública. O presente estudo tem por objetivo examinar as relações complexas entre a CPTED e o medo do crime em suas dimensões pessoal e altruísta. Para tanto, por meio de *survey* aplicada de modo online, a pesquisa contou com 232 respondentes para uma versão aprimorada da Escala de Medo Situacional do Crime (Senna, 2017). Os achados indicam que o padrão dos escores do medo do crime presentes na literatura internacional se repetem na realidade brasileira, além de se mostrarem sensíveis às nuances da CPTED. O trabalho possui implicações teóricas, metodológicas e práticas, podendo contribuir para o planejamento de políticas públicas relacionadas ao modelo CPTED, bem como para a saúde física e mental da comunidade. **Palavras-chave:** Prevenção Criminal. Design ambiental. Medo do Crime. Medo do Crime Pessoal. Medo do Crime altruísta.

“NOBODY’S SAFE!” CPTED EFFECTS ON PERSONAL AND ALTRUISTIC FEAR OF CRIME

ABSTRACT

Crime Prevention Through Environmental Design (CPTED) is a widely recognized urban planning approach aimed at addressing both real and perceived crime. For instance, this model is commonly applied in the revitalization of deteriorating neighborhoods facing significant public safety concerns. The present study differentiates itself from other research on the subject by focusing on the complex interplay between CPTED and fear of crime, specifically in its personal and altruistic dimensions. To achieve this, an online survey was conducted with 232 respondents, utilizing an enhanced version of the Crime Situational Fear Scale (Senna, 2017). The results reveal that the patterns of fear of crime scores observed in international literature are mirrored within the Brazilian context, demonstrating sensitivity to the nuances of CPTED. This research holds theoretical, methodological, and practical implications, offering valuable contributions to the development of public policies centered on the CPTED model, as well as to the physical and mental well-being of the community.

Keywords: Crime Prevention. Environmental Design. Fear of Crime. Personal Fear of Crime. Altruistic Fear of Crime.

Data de recebimento: 23/05/2024 **Data de aprovação:** 06/12/2024

DOI: 10.31060/rbsp.2026.v20.n2.2185

INTRODUÇÃO

“Ninguém está seguro!” Quem nunca ouviu essa expressão? Curiosamente, é cada vez mais comum as pessoas se sentirem inseguras mesmo quando os índices criminais estão em queda. Um relatório das Nações Unidas, em 2022, mostrou que 6 em cada 7 pessoas, em todo o mundo, se sentem inseguras (UNDP, 2022). Parte desse problema tem relação com o ambiente físico e social em que estamos inseridos e, portanto, pode ser mitigado com a implementação das estratégias da Prevenção Criminal pelo *Design*

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

Ambiental – CPTED (sigla em inglês para *Crime Prevention Through Environmental Design*). Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo examinar as relações complexas entre a CPTED e o medo do crime em suas dimensões pessoal e altruísta.

A CPTED tornou-se uma abordagem popular de planejamento urbano para prevenir o crime e reduzir o medo do crime, por meio de intervenções nos ambientes físicos e sociais que nos cercam (Armitage, 2017; Armitage; Monchuk, 2017). A título de exemplo, as ações baseadas no modelo CPTED são amplamente utilizadas para (re)desenvolver áreas vulneráveis, como as favelas, que sofrem com a criminalidade e com o sentimento de insegurança (Rau *et al.*, 2018).

No entanto, apenas alguns estudos, principalmente no Brasil, examinaram empiricamente as complexas relações entre a CPTED e o medo do crime (Almeida; Procopiuck, 2021). Mesmo no cenário internacional, verifica-se a escassez de estudos sobre os efeitos da CPTED no medo do crime pessoal e altruísta (Heber, 2009; Snedker, 2006; Warr; Ellison, 2000).

O medo do crime geralmente afeta mais as nossas decisões cotidianas do que o crime em si (Keane, 1998; Rengifo; Bolton, 2012). Em razão disso, este trabalho busca contribuir com o refinamento do conceito de medo do crime, com uma melhor compreensão de suas dimensões e com aportes psicométricos para a medição fiável dos efeitos que sofre a partir das violações da CPTED. Esse conjunto de conhecimentos pode levar a melhores diagnósticos e intervenções no âmbito das políticas de segurança pública relacionadas ao desenho urbano (Almeida; Procopiuck, 2021).

Diversos autores relacionam o medo do crime às mazelas sociais que impactam a qualidade de vida no campo e na cidade (Chataway; Bourke, 2020). Como exemplo disso, tem-se: a) lugares que deixam de ser frequentados por usuários legítimos (Foster; Giles-Corti; Knuiiman, 2014; Lee; Park; Jung, 2016); b) a diminuição do relacionamento saudável entre as pessoas na comunidade (Dulin, 2022); c) tentativas de resolução dos problemas de segurança com o emprego de armas de fogo (Gerdes, 2023) e de segurança privada (O’Malley, 1992); d) a escolha de um bode expiatório para a causa da sensação de insegurança, que pode recair em populações minoritárias, como negros ou estrangeiros (Chiricos; Hogan; Gertz, 1997); e) a existência de um círculo vicioso no sistema penal, com conseqüente agravamento das punições (Rosen; Cutrona, 2023); entre outros. Trata-se de uma lista interminável.

Do ponto de vista psicológico, o medo pode ser interpretado como uma ansiedade que deixa o indivíduo em um estado de alerta influenciado por fatores reais ou imaginários que disparam ou alimentam a sensação de perigo iminente. Em cada indivíduo, o medo se manifesta de forma e intensidade diferentes (Castillo *et al.*, 2001). Para Batista *et al.* (2005, p. 268), “considera-se medo quando existe um estímulo desencadeador externo óbvio que provoca comportamento de fuga ou evitação”.

O medo do crime, sendo uma sensação incômoda que causa desconforto, pode desencadear uma reação saudável ou doentia, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista coletivo (Dantas; Persijn; Silva Júnior, 2007). Na primeira perspectiva, de caráter instrumental e funcional, o medo pode nos fazer adotar medidas preventivas que diminuem a probabilidade de sermos vítimas de criminosos (Jackson; Gray, 2009; Torres *et al.*, 2022). Na segunda perspectiva, de caráter disfuncional, o medo pode nos paralisar e nos impedir de realizar atividades cotidianas ou nos fazer gastar valores exorbitantes com medidas de segurança para prevenção criminal. Em ambos os casos, tem-se uma sensação de desconforto frente à

possibilidade real ou percebida de ocorrência de eventos criminais, o que promove angústia no indivíduo, com reflexos na vida em comunidade (Dantas; Persijn; Silva Júnior, 2007).

O estudo do medo do crime conta com vasta literatura internacional, principalmente em países do tipo WEIRD (*Western, Educated, Industrialized, Rich and Democratic*, *i.e.* ocidentais, educados, industrializados, ricos e democráticos). No Brasil, os trabalhos sobre o tema, mormente considerando os de natureza empírica, ainda são escassos, inobstante o país ser recordista mundial em crimes violentos.

O medo do crime é um construto psicológico afetado por uma série de aspectos da vida em sociedade. Alguns pesquisadores restringem o medo do crime a uma resposta emocional que sinaliza um perigo real ou percebido. Assim, esse fenômeno seria uma manifestação de inquietação sobre o mundo (Hale, 1996) que envolve fatores como a noção de alienação e anomia, desconforto na avaliação de mudanças sociais, pessimismo sobre o futuro, percepção de falta de controle sobre as circunstâncias da vida, falta de uma verdade interpessoal (*e.g.* religião), insatisfação com a vida na vizinhança etc.

Outros autores destacam a divisão didática do medo do crime a partir das três dimensões do constructo psicológico “atitude” (Gabriel; Greve, 2003; Senna; Iglesias; Matsunaga, 2022). Nesse prisma, o medo do crime se expressaria pela forma com que as pessoas sentem, pensam e agem frente à ameaça real ou percebida de virem a ser vítimas (*i.e.* medo pessoal) ou ter alguém próximo vitimado pelo crime (*i.e.* medo altruísta). Em outras palavras, o medo do crime pode ser estudado por suas facetas cognitiva (*e.g.* avaliação de risco), afetiva (*e.g.* sentimento de risco) e comportamental (*e.g.* evitar realizar uma determinada atividade para se proteger do risco).

Outra forma de compreender melhor o fenômeno do medo do crime se dá por meio dos pares pessoal-altruísta (Snedker, 2006), instrumental-disfuncional (Jackson; Gray, 2009) e situacional-disposicional (Gabriel; Greve, 2003). O medo pessoal está relacionado à preocupação da própria pessoa em ser vítima de um ato criminoso. Já o medo altruísta, ou vicário, diz respeito à segurança ou ao bem-estar de pessoas com as quais nos preocupamos. A medida do medo na perspectiva pessoal-altruísta permite aferir se o entrevistado teme por si ou por pessoas próximas, conforme sugestão proposta por Mello Neto (2016, p. 189), em um estudo envolvendo o suplemento Vitimização e Acesso à Justiça da PNAD.

Por sua vez, o medo do crime instrumental (ou funcional) diz respeito à avaliação de riscos reais. Ele faz com que a pessoa perceba o perigo e adote medidas para neutralizar ou diminuir as chances de vitimização pessoal ou vicária. Dessa forma, o medo instrumental pode contribuir para que uma pessoa não se exponha a riscos desnecessários, como quando alguém deixa de falar ao celular enquanto está no interior de um veículo em um estacionamento público (Torres *et al.*, 2022).

O medo do crime disfuncional caracteriza-se por respostas comportamentais excessivamente descoladas da realidade. É o medo que faz com que uma pessoa fique aprisionada em sua residência, com prejuízo para sua qualidade de vida (Lee; Park; Jung, 2016; Oliveira; Silva, 2021). O medo disfuncional provoca o esvaziamento dos espaços públicos. Ele retira os olhos da rua (Jacobs, 1961) e cria oportunidades para o crime com a redução da vigilância natural. Com o acirramento do isolamento social, perde-se as oportunidades de socialização, o que também ocasiona prejuízos aos laços interpessoais e à saúde física e mental dos indivíduos (Stafford; Chandola; Marmot, 2007). Esse círculo vicioso aumenta o medo, o isolamento e o abandono dos espaços públicos, o que termina por ocasionar o aumento dos índices criminais.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

Por sua vez, no par situacional-disposicional, o medo do crime situacional diz respeito a um sentimento de insegurança transitório que ocorre em situações específicas. O medo situacional é disparado, por exemplo, quando uma mulher passa desacompanhada por um beco escuro. Trata-se de um medo que surge e que logo desaparece diante de condicionantes físicas e comportamentais particulares. Por isso, podemos inferir que o medo situacional pode ter por gatilho a violação das estratégias da CPTED (Senna, 2022).

Já o medo disposicional está relacionado a um sentimento de insegurança mais estável. A pessoa permanece frequentemente com medo. O medo disposicional é desenvolvido por um processo ontogênico (Hinshaw, 2015) e é influenciado pelas condições e pelos atributos pessoais, principalmente por experiências pessoais com a ansiedade, por suas percepções e pela forma como o sujeito lida com situações de risco. Além disso, a exposição a conteúdos violentos (Pimentel; Gunther; Black, 2012) e experiências prévias pessoais e vicárias com a violência também podem alimentar o medo disposicional do crime (Killias, 1990).

Em suma, uma pessoa que apresenta maiores escores de medo disposicional possui maior tendência individual para reagir com medo. Por isso, à medida que essa tendência aumenta, é possível que aumente a probabilidade de a pessoa se deparar com certas situações que evoquem medo do crime e ter essa experiência maximizada. Ou seja, uma pessoa que carrega consigo mais medo disposicional também tende a experimentar o medo situacional com mais frequência e mais intensidade (Gabriel; Greve, 2003). Logo, o medo disposicional, ao mesmo tempo que potencializa o medo situacional, termina sendo por ele retroalimentado.

PREDITORES DO MEDO DO CRIME

Os níveis de medo do crime estão relacionados a múltiplos fatores, tais quais: a) questões demográficas (*e.g.* sexo, idade, escolaridade e renda); b) experiências prévias com o crime (*i.e.* vitimização pessoal ou vicária); c) o contexto dos acontecimentos da vida diária (*i.e.* teoria dos *behavior settings*) (Nasar; Fisher, 1993; Weisburd *et al.*, 2021); d) as características físicas dos espaços urbanos e rurais; entre outros.

Sobre a influência das características individuais no medo do crime, há muitos anos a literatura vem apontando que as mulheres sentem mais medo do crime que os homens (Callanan; Teasdale, 2009; Keane, 1998; Killias, 1990). Isso mesmo sendo as mulheres proporcionalmente a minoria das vítimas de crimes violentos letais intencionais (Cerqueira; Bueno, 2023). Por outro lado, existem estudos que apontam que os homens, quando participam de entrevistas, têm uma tendência a esconder o medo que sentem. Isso, possivelmente, em decorrência do viés de desejabilidade social (Choi; Merlo, 2021). Todavia, quando os homens revelam o medo, existe uma tendência de que apresentem maiores escores do que o usual (Gray; Jackson; Farrall, 2008), em que pese esses escores continuarem sendo inferiores aos apresentados pelas mulheres.

Os maiores escores de medo do crime entre as mulheres estão relacionados à diferença de percepção da vulnerabilidade entre os gêneros a partir de diversas condicionantes individuais e ambientais (*e.g.* psicológicas, biológicas, culturais e sociais). Macedo (2021), tratando da percepção dos crimes sexuais em mulheres, enfatiza que as mulheres, em regra, têm claro que estão mais expostas à possibilidade de serem vítimas de formas mais graves de violência.

Tal qual ocorre no caso das mulheres, o medo é potencializado por diversas outras vulnerabilidades físicas e sociais que variam de indivíduo para indivíduo (Killias; Clerici, 2000). Para ilustrar, no nível pessoal, as pessoas sentem-se fisicamente vulneráveis quando acreditam que não podem correr ou não têm força

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

para enfrentar uma situação de perigo (e.g. idosos). Ao seu turno, no nível social, as pessoas se sentem mais expostas aos mais variados tipos de riscos quando experimentam vulnerabilidades econômicas, tais como precarização da moradia, baixa renda e carência de acesso à educação formal (Drakes; Tate, 2022).

Já os estudos acerca da percepção de segurança por membros de forças de segurança não têm apresentado resultados consistentes. A título de exemplo, uma pesquisa realizada no Distrito Federal mostrou que esse público tenderia a apresentar menores escores de medo do crime (Senna, 2017). Por outro lado, outro estudo, realizado na Suíça, revelou que, por se verem como parte de uma profissão de alto risco, os policiais poderiam apresentar maiores escores de medo do crime (Burkhardt *et al.*, 2017). Esses resultados díspares podem ser influenciados pelas diferenças entre os dois países (culturais, sociais, econômicas etc.). Porém, a discrepância também pode estar relacionada a questões metodológicas.

Os escores de medo também variam de acordo com a exposição dos indivíduos aos eventos criminais reais (Noble; Jardim, 2019) ou percebidos (Zhang *et al.*, 2021). Nesse sentido, os meios de comunicação podem contribuir significativamente para o aumento desse sentimento (Costa; Durante, 2022; Pimentel; Gunther; Black, 2012). Isso tudo é agravado uma vez que, na busca de uma audiência cada vez maior, as empresas de mídia sobem a régua do sensacionalismo e banalizam o uso da violência em seus produtos (Carvalho; Freire; Vilar, 2012). Por essa via, as pessoas são induzidas a ter uma percepção da realidade muito pior do que demonstram os índices de segurança pública, sendo afetadas pelo medo disfuncional.

Outra variável que impacta os escores do medo do crime é a vitimização direta ou indireta (Cook; Fox, 2011; Oliveira *et al.*, 2024). As pessoas costumam se preocupar com o crime quando conseguem se imaginar vítimas, seja por exposição à notícia de fatos criminosos, seja por conhecerem pessoas próximas que foram vítimas (Covington; Taylor, 1991). Esse processo amplifica a sensação de vulnerabilidade ao crime. Em outras palavras, a pessoa imagina “se aconteceu com alguém próximo ou que tenha uma vida parecida com a minha, também pode acontecer comigo (medo pessoal) ou com alguém que seja importante para mim” (medo altruísta).

A vitimização pessoal diz respeito ao fato de uma pessoa ser atingida pessoalmente pela prática de algum ato delituoso. Trata-se de uma experiência traumática com o crime que pode afetar o indivíduo psicologicamente, independentemente de sua idade. Por exemplo, um estudo realizado em Belém do Pará revelou que adolescentes que haviam sido vítimas de criminosos reportaram maiores escores de estresse e ansiedade (Corrêa *et al.*, 2019). Por sua vez, a vitimização indireta, também conhecida como vicária, ocorre quando a pessoa ouve sobre um evento criminal e tem sua sensação de insegurança ampliada. A mídia influencia esse processo principalmente quando uma pessoa observa semelhanças de mazelas que foram noticiadas com realidades de seu cotidiano (Pimentel; Gunther; Black, 2012).

Assim, as experiências criminais pessoais, com pessoas próximas, ou aquelas que são fruto de exposição a conteúdo violento nas mídias ampliam a percepção de risco (Jackson, 2005). Para Killias (1990), a percepção de vulnerabilidade que influencia o medo do crime é composta pela percepção de exposição ao risco, pela antecipação de consequências graves e pelo sentimento de perda de controle da situação.

Ao seu turno, o contexto dos acontecimentos da vida diária, a deterioração dos bairros e a diminuição dos controles sociais informais também estão diretamente ligadas ao aumento do medo do crime (Costa; Durante, 2021; Lewis; Maxfield, 1980; Weisburd *et al.*, 2021). Nesse prisma, o medo do crime guarda estreita relação com a teoria das janelas quebradas (Wilson; Kelling, 1982) e com a própria CPTED.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

Os dois principais objetivos da CPTED são a prevenção dos eventos criminais e a redução do medo do crime. Em que pese as controvérsias em torno da operacionalização do primeiro objetivo (Curtis-Ham; Cantal; Gravitas Research Ltd, 2023; Lanfear; Matsueda; Beach, 2019), já existe uma sólida literatura (sobretudo internacional) apontando para o alcance do segundo (Armitage; Tompson, 2022; Ceccato, 2022). Em verdade, isso reflete a mesma incongruência existente entre o risco real e o risco percebido (medo do crime). Ou seja, nem sempre o medo está associado ao crime propriamente dito, ao mesmo tempo em que nem sempre um ambiente que aparenta ser inseguro realmente sofre com incidentes criminais.

Para alcançar seus objetivos, a CPTED envolve inúmeras estratégias (Armitage; Monchuk, 2017; Cozens; Love, 2015; Senna; Iglesias; Matsunaga, 2022). As estratégias mais tradicionais, também conhecidas como de 1ª Geração (Fennelly; Perry, 2018), são: vigilância natural, controle natural de acesso e territorialidade (ou reforço territorial). Em linhas gerais, a vigilância natural diz respeito à possibilidade de as pessoas poderem ver e serem vistas; o controle natural de acesso torna possível identificar a invasão do espaço por usuários ilegítimos (*e.g.* adulto desacompanhado em parquinho infantil); já a territorialidade está relacionada à apropriação do território por seus usuários legítimos.

Em face do exposto, este trabalho tem por objetivo investigar se os efeitos da CPTED nos escores do medo do crime, usualmente encontrados na literatura internacional, se repetem no contexto brasileiro. No entanto, diferentemente de outras pesquisas já realizadas no Brasil, particularmente busca-se examinar os efeitos da CPTED no medo situacional nas dimensões pessoal e altruísta do crime.

MÉTODO

DESENHO DO ESTUDO

Para alcançar os objetivos propostos, seguiu-se o percurso metodológico empregado no estudo realizado por Senna (2017), que utilizou fotografias como estímulos para a aferição dos efeitos da CPTED no medo situacional do crime.

INSTRUMENTO

Para a medida do medo do crime situacional, em suas dimensões pessoal e altruísta, e para a obtenção de dados demográficos e de vitimização dos participantes, foi empregada uma versão aprimorada da Escala de Medo Situacional do Crime para Espaços Públicos – EMSCEP (Senna, 2017). Na versão original, a escala contava com nove itens relativos ao medo do crime situacional pessoal e um item relacionado ao medo do crime situacional altruísta. Na versão aprimorada, a EMSCEP passou a contar com os mesmos nove itens relativos ao medo situacional do crime pessoal e nove itens para a medida do medo altruísta.

No instrumento, constam fotografias com duas dimensões da CPTED expostas aos respondentes de forma dicotomizada: a vigilância natural e a territorialidade. As fotografias empregadas neste estudo foram selecionadas a partir do conjunto de imagens utilizadas por Senna (2017). São fotografias que passaram por procedimentos de análises de juízes e por testes empíricos. Em síntese, o conjunto de itens e imagens do instrumento possui evidências de validade e fidedignidade, além de contar com aportes psicométricos que expressam aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais frente à situação apresentada.

PARTICIPANTES

A pesquisa foi respondida por 232 pessoas. Dos respondentes, 67,7% ($n = 157$) eram homens. Vinte e cinco participantes não informaram a idade. Entre os que informaram, a idade variou entre 10 (apenas um caso) e 68 anos, com média igual a 41 anos ($DP = 9,25$). Para a análise, o participante com 10 anos de idade foi retirado da amostra. Não houve outros entrevistados com idade inferior a 16 anos. Dos participantes, 53,9% ($n = 125$) informaram possuir filhos, sendo que 83,6% ($n = 194$) informaram possuir curso superior completo. Quanto à ocupação profissional informada, as categorias mais apontadas foram policial ($n = 91$) e servidor público ($n = 43$). Quanto à situação marital, 170 (73,3%) pessoas disseram estar casadas ou em união estável, as demais relataram estar solteiras ou namorando.

PROCEDIMENTOS

Foi realizado um formulário pela *internet*, disponibilizado em redes sociais, por meio da ferramenta *Google Forms*. Os respondentes foram alcançados, por conveniência, pelo método *Snowball*, que funciona a partir da indicação por parte de algum indivíduo da população (semente) de outros que também fazem parte dela, e assim sucessivamente. Ressalta-se que apesar de normalmente as relações ocorrerem entre pessoas semelhantes, a técnica tem como ponto forte alcançar populações que outras não permitiriam (Baltar; Brunet, 2012).

ANÁLISE DE DADOS

As análises dos resultados foram conduzidas por meio de estatísticas descritivas e inferenciais univariadas e multivariadas, tais como testes *t*, regressões lineares simples e múltiplas, e análise fatorial. Para tanto, foi utilizado o *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 25.

RESULTADOS

Primeiramente, foi realizada a inspeção visual do banco de dados originado com a aplicação da EMSCEP em busca de erros de digitação. Foram uniformizados os registros das ocupações do ponto de vista ortográfico, com vistas à possibilidade de contagem por parte do SPSS. Nenhuma variável apresentou dados omissos acima de 5%.

Assim, passaram-se às preparações para as análises. Quanto maior o escore, maior o medo do crime. Por isso, os itens que indicam sensação de segurança foram invertidos conforme procedimentos sugeridos por Field (2013, p. 710). Isso ocorreu com os itens: “se sentiria seguro em frequentá-lo?”; “o acharia seguro para crianças?”; “se sentiria tranquila se essa pessoa adotasse medidas de segurança para se proteger e não ficar exposta ao ataque de criminosos?”; e “consideraria esse local seguro para pessoas que são importantes para você?”.

Em sede de tratamento de casos extremos (*outliers*), foi realizada uma inspeção visual dos dados e retirados dois casos que responderam apenas nos extremos da escala (0 ou 10). Em seguida, as variáveis foram

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

examinadas por meio de inspeção de gráficos *boxplots*. Aquelas que apresentaram valores discrepantes foram submetidas ao procedimento de *winsorização* (Duan, 1998).

Passou-se, então, à realização de Análises Fatoriais Exploratórias, com vistas à redução dos itens em fatores para o conjunto dos 18 itens da Escala de Medo Situacional do Crime (EMSCEP) aprimorada. Esse procedimento foi realizado para cada uma das fotografias. Somente no caso da fotografia que expressava vigilância natural positiva foi verificada uma estrutura bifatorial em torno dos dois grupos de itens estudados: medo pessoal e medo altruísta. Ainda nesse caso, dois itens com valência positiva ficaram agrupados e um não apresentou carga fatorial igual ou superior a 0,4 (vide Tabela 1).

TABELA 1

Matriz de padrão para os itens do medo do crime em relação à vigilância natural positiva

	Fator		
	1	2	3
VPP1 – Vigilância Natural Positiva: <i>_se preocuparia em ser vítima de agressão física?</i>	0,681		
VPP2 – Vigilância Natural Positiva: <i>_se sentiria seguro em frequentá-lo?</i>			0,499
VPP3 – Vigilância Natural Positiva: <i>_se preocuparia em fazer uso dele estando acompanhado(a)?</i>	0,459		
VPP4 – Vigilância Natural Positiva: <i>_acharia provável você ser vítima de roubo?</i>	0,788		
VPP5 – Vigilância Natural Positiva: <i>evitaria frequentá-lo sozinho(a)?</i>	0,659		
VPP6 – Vigilância Natural Positiva: <i>_sentiria medo de sofrer alguma agressão física?</i>	0,905		
VPP7 – Vigilância Natural Positiva: <i>_acharia provável alguém atacá-lo(a) fisicamente?</i>	0,867		
VPP8 – Vigilância Natural Positiva: <i>_se preocuparia em ser vítima de roubo?</i>	0,669		
VPA1 – Vigilância Natural Positiva: <i>_o acharia seguro para crianças?</i>			0,700
VPP9 – Vigilância Natural Positiva: <i>_sentiria medo de ser atacado(a) por uma pessoa armada?</i>	0,456		
VPA2 – Vigilância Natural Positiva: <i>_orientaria essa pessoa a adotar medidas de segurança para se proteger e não ficar exposta à ação de criminosos?</i>		0,582	
VPA3 – Vigilância Natural Positiva: <i>_se sentiria tranquila se essa pessoa adotasse medidas de segurança para se proteger e não ficar exposta ao ataque de criminosos?</i>			
VPA4 – Vigilância Natural Positiva: <i>_alteraria seu próprio comportamento para que essa pessoa não seja vítima de criminosos?</i>		0,646	
VPA5 – Vigilância Natural Positiva: <i>_acharia provável que essa pessoa pudesse vir a ser vítima de roubo?</i>		0,711	

Continua

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

VPA6 – Vigilância Natural Positiva: _sentiria medo dessa pessoa vir a ser vítima de criminosos armados?	0,719
VPA7 – A Vigilância Natural Positiva: _consideraria esse local seguro para pessoas que são importantes para você?	0,640
VPA8 – Vigilância Natural Positiva: _acharia possível essa pessoa ser vítima de agressão sexual (nesse ambiente)?	0,701
VPA9 – Vigilância Natural Positiva: _orientaria essa pessoa a evitar passar por esse local para não ser vítima de roubo?	0,623

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Já para as demais fotografias, a análise fatorial por fatoraçoão pelo eixo principal apontou para a unidimensionalidade da escala, tais quais os resultados encontrados por Senna (2017, 2022). Em todos os casos, o índice KMO revelou-se elevado ($> 0,94$) e o Teste de Esfericidade de Bartlett apresentou-se significativo ($p < 0,001$). Em face desses resultados e das evidências estatísticas e teóricas apresentadas até o momento, para o restante das análises, os itens foram agrupados em torno das variáveis da CPTED e das dimensões do medo do crime (pessoal e altruísta).

Todas as variáveis contínuas resultantes dos agrupamentos de itens passaram em ambos os testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk ($p > 0,05$). Os índices de confiabilidade nessas variáveis também se mostraram altos ($\alpha > 0,92$). Já a variável “idade” não passou nos testes de normalidade ($p < 0,05$). Inobstante, essa variável apresentou índices de assimetria e curtose entre 0 e 1 e 0 e -1, o que supre, para a literatura, o pressuposto de normalidade em testes envolvendo regressões, por exemplo.

Assim, a estatística descritiva revelou que quando as variáveis da CPTED se apresentaram de forma positiva foram reportados menores escores para o medo do crime (Imagem 1). Particularmente, de acordo com o critério “*d*” de Cohen, a vigilância natural apontou maior tamanho de efeito que a territorialidade.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

FIGURA 1

Dados descritivos para o medo do crime e as variáveis da CPTED

	
Vigilância Natural Positiva $M = 4,99$ $DP = 2,21$	Vigilância Natural Negativa $M = 8,16$ $DP = 1,18$
$d = 1,79$	
	
Territorialidade Positiva $M = 4,02$ $DP = 2,05$	Territorialidade Negativa $M = 5,70$ $DP = 2,28$
$d = 0,77$	

Fonte: Fotos dos autores e dados oriundos do banco da pesquisa (2022).

Os testes t independentes mostraram que, em média, as mulheres ($M = 6,36$; $DP = 1,58$) reportaram mais medo situacional do crime, frente às variáveis da CPTED, que os homens ($M = 5,35$; $DP = 1,37$) [$t(228) = 4,975$; $d = 0,68$; $p < 0,001$]. Particularmente, a variável vigilância natural ($d = 0,76$) revelou um efeito maior no medo que a variável territorialidade ($d = 5,53$).

O maior medo entre as mulheres também foi observado em relação ao medo pessoal ($\Delta M = 1,23$; $DP = 0,22$) [$t(228) = 5,526$; $d = 0,76$; $p < 0,001$] e ao medo altruísta ($\Delta M = 0,73$; $M = 0,18$) [$t(228) = 3,891$; $d = 0,53$;

$p < 0,001$]. Adicionalmente, foi observado que o tamanho do efeito do medo do crime pessoal frente às variáveis CPTED operacionalizadas na pesquisa é maior do que o do medo altruísta ($\Delta d = 0,23$).

Foram registradas diferenças significativamente estatísticas para o medo do crime em relação a experiências pessoais de vitimização ($p > 0,05$). As pessoas que reportaram terem pessoas próximas vítimas de crimes também reportaram maiores escores de medo do crime geral ($\Delta M = 1,02$; $dp = 0,18$) [$t(228) = 5,520$; $d = 0,72$; $p < 0,001$] e altruísta ($\Delta M = 0,89$; $dp = 0,17$) [$t(228) = 5,088$; $d = 0,69$; $p < 0,001$].

A apresentação das variáveis da CPTED também influenciou na relação entre a vitimização e o medo do crime altruísta, conforme Tabela 2. Nesse caso, o medo relacionado à territorialidade apresentou maior efeito entre as pessoas que reportaram terem tido pessoas próximas vítimas de crimes.

TABELA 2

Relações entre vitimização de pessoas próximas e o medo do crime frente às variáveis da CPTED

CPTED	ΔM	DP	t	df	d	p
Territorialidade	1,33	0,22	5,827	224,124	0,76	0,001
Vigilância Natural	0,68	0,18	3,737	228	0,50	0,001

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Os testes t_s para as condições “ter ou não filhos menores de 13 anos” e “estado civil” não apresentaram resultados estatisticamente significativos ($ps > 0,05$). Ao seu turno, foram verificados maiores escores de medo do crime em todas as modalidades naqueles respondentes que informaram não pertencer a alguma força de segurança pública ou privada, conforme está registrado na Tabela 3. Observe-se que o efeito de pertencer ou não a alguma força de segurança foi maior para o medo pessoal que para o medo altruísta. Igualmente, esse efeito foi maior para o medo relacionado à territorialidade que para a vigilância natural.

TABELA 3

Relações entre pertencer ou não a alguma força de segurança e o medo do crime

Medo/Relação	ΔM	DP	t	df	d	p
Territorialidade	0,94	0,26	3,62	158,004	0,48	$p < 0,001$
Vigilância Natural	0,48	0,18	2,558	228	0,34	$p < 0,05$
Pessoal	0,90	0,23	3,84	152,326	0,55	$p < 0,001$
Altruísta	0,52	0,18	2,82	228	0,37	$p < 0,05$

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Já a Tabela 4 mostra a relação da CPTED e do medo do crime com a escolaridade. Com exceção do medo do crime relacionado à vigilância natural (sem significância estatística), todos os outros escores apontaram para mais medo em pessoas que reportaram não possuir nível superior completo. Ou seja, os resul-

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

tados apontam que o fato de uma pessoa não possuir nível superior eleva o método do crime pessoal e altruísta, em geral, e em relação à variável territorialidade.

TABELA 4

Relação da variável territorialidade da CPTED e do medo do crime com a escolaridade

Medo/Relação	AM	DP	t	df	d	p
Territorialidade	1,16	0,26	4,45	69,680	0,74	$p < 0,001$
Pessoal	0,89	0,29	3,019	228	0,58	$p < 0,05$
Altruísta	0,68	0,20	3,409	65,005	0,55	$p < 0,05$

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Por sua vez, o teste de Pearson não detectou correlações estatisticamente significantes entre a idade e as medidas do medo do crime ($p > 0,05$).

Finalmente, para testar o poder preditivo das variáveis demográficas e relativas à vitimização pessoal ou de pessoas próximas no medo do crime foi realizado o teste de regressão múltipla. Utilizando-se o método hierárquico para entrada das variáveis, verificou-se que o modelo composto por sexo ($\beta = 0,33$), escolaridade ($\beta = 0,19$) e vitimização de pessoa próxima ($\beta = 0,32$), com Betas padronizados, explicou 23,2% da variância do medo do crime. As categorias “homem”, “nível superior” e “não possuir pessoas próximas que foram vítimas de crimes” (preditores categóricos) representaram diminuição no medo do crime. A idade (variável contínua), inobstante apresentar índice de significância marginal ($p < 0,07$), representou aumento dos escores de medo do crime ($\beta = 0,12$). Já os fatos do respondente possuir ou não filhos, da vitimização pessoal e de pertencer a alguma força de segurança não apresentaram resultados significativos ($p > 0,05$). Os resultados da regressão podem ser observados na Tabela 5.

TABELA 5

Regressão múltipla para medo do crime conforme características individuais

Variável	B	β	t	p
Constante	5,76		10,873	$< 0,001$
Sexo Masculino	-1,06	-0,33	-5,349	$< 0,001$
Escolaridade	-0,76	-0,19	-2,749	$< 0,05$
Idade	0,02	0,12	1,882	$< 0,07$
Vitimização de pessoa próxima	0,97	0,32	5,384	$< 0,001$

Nota: R^2 ajustado = 0,232; IC = 95%.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

DISCUSSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo verificar, em face das estratégias de territorialidade e vigilância natural da CPTED, o impacto do *design* de espaços públicos não somente no medo do crime pessoal, conforme relatados em alguns estudos, mas também no medo do crime altruísta. Por isso, foi adaptada e aprimorada a Escala de Medo Situacional do Crime para Espaços Públicos (Senna, 2017), com base na literatura internacional, uma vez que não foram encontrados estudos similares na literatura em língua portuguesa.

Os resultados extraídos da pesquisa, principalmente em relação aos aspectos demográficos da amostra (*e.g.* sexo, idade e grau de instrução) ratificaram dados obtidos por outros estudos nacionais referentes ao medo do crime pessoal (Costa; Durante, 2022; Macedo, 2021; Senna, 2017; Silva; Beato Filho, 2014). De igual forma, os resultados deste trabalho sugerem que os escores do medo do crime altruísta utilizados na literatura internacional se repetem na realidade brasileira (Vozmediano *et al.*, 2017).

Os testes de regressão corroboraram os resultados de alguns dos testes anteriores, pois as condições “sexo masculino”, “nível superior completo” e “não possuir pessoas próximas que foram vítimas de crimes” predisseram a diminuição do medo do crime. Todavia, os testes não apresentaram dados significativos para as variáveis “possuir ou não filho”, “vitimização pessoal” e “pertencer à força de segurança”.

Na comparação das estratégias da CPTED, o estudo revelou que a média da vigilância natural possuiu maior tamanho de efeito no medo do crime que a territorialidade. Esses achados são similares aos encontrados em uma pesquisa anterior realizada no Distrito Federal (Senna, 2022). Naquele caso, os ambientes com os quais o público possuía mais familiaridade (praças em áreas residenciais) apresentaram maior efeito da territorialidade que a vigilância natural no medo do crime. Por outro lado, ambientes mais neutros, como os avaliados na presente pesquisa, evidenciaram justamente o contrário. Esses resultados levam a algumas questões práticas quanto à disponibilização de recursos com vistas à redução do medo do crime na perspectiva situacional.

Os achados sugerem que, em espaços públicos localizados em áreas residenciais, as pessoas estariam mais preocupadas com o controle de desordens do que com a possibilidade de ver e serem vistas. Assim, a remoção de pichações, o acondicionamento apropriado do lixo e a remoção de carros abandonados (carcaças) teriam mais efeito na redução do medo do crime próximo a residências do que a substituição de lâmpadas queimadas ou a poda de árvores. Por sua vez, em locais mais neutros (como o Parque da Cidade, em Brasília, ou o Ibirapuera, em São Paulo), onde as pessoas vão ocasionalmente, a fomentação da vigilância natural traria resultados mais significativos para a sensação de segurança.

Durante a realização dos testes para comparar grupos, as mulheres reportaram, em média, maiores medos do crime frente às estratégias da CPTED que os homens. As mulheres, de igual forma, revelaram maior medo do crime na dimensão pessoal do que na dimensão altruísta. Também foi encontrado maior tamanho de efeito no medo entre as mulheres na estratégia de vigilância natural em relação à territorialidade.

A diferença de percepção da vulnerabilidade entre os gêneros está ligada a características psicológicas, físicas e sociais. Os sentimentos mais fortes de passividade e dependência de ajuda externa frente a ameaças levariam as mulheres a ter mais medo que os homens. Já a diferença de socialização entre os sexos e a menor autopercepção de vulnerabilidade pode fazer com os homens apresentem maior tolerância ao medo e menor preocupação para com sua segurança pessoal (Hale, 1996).

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

Ademais, os entrevistados com menor educação formal reportaram maiores escores de medo do crime. Esse resultado pode estar apontando para o efeito de uma variável que não foi medida diretamente nesta pesquisa, a renda. Historicamente, o acesso à educação formal está relacionado ao poder aquisitivo das famílias no Brasil. Por sua vez, quanto menor é a renda de uma pessoa maior é a sua exposição aos riscos relacionados à dependência do transporte público. Entre esses riscos estão desde os assédios sofridos pelas mulheres no interior dos veículos aos roubos de celulares no trajeto casa-ponto de ônibus-local de trabalho. Isso para ficar em apenas um exemplo de como a baixa renda pode ampliar as vulnerabilidades reais e percebidas das pessoas.

Ao seu turno, a experiência de vitimização, seja pessoal ou vicária, predisse maiores escores no medo do crime em geral. Isso pode estar relacionado aos possíveis traumas gerados ou à tendência de as pessoas nessa condição sentirem mais medo de que o crime possa voltar a ocorrer (Costa; Durante, 2021). Ao seu turno, as pessoas que tiveram experiência com vitimização revelaram maior tamanho de efeito do medo na estratégia territorialidade. Ou seja, as pessoas que já foram vítimas de crimes, ou que tiveram alguém próximo vitimado por criminosos, aparentemente parecem estar mais atentas e sensíveis a sinais de desordem em seu entorno.

O estudo também trouxe um tópico não muito explorado na literatura: a diferença de escores de medo entre pessoas pertencentes e não pertencentes a forças de segurança. Os resultados apontaram que pessoas não pertencentes a forças de segurança, pública ou privada, apresentaram maiores escores do medo do crime em geral. Particularmente, nesse segmento foi verificado maior medo do crime pessoal que altruísta.

Por outro lado, pessoas não pertencentes a forças de segurança também reportaram maior efeito do medo frente às violações da territorialidade do que frente às violações da vigilância natural. Uma possível explicação para esses resultados diz respeito à capacitação destinada aos profissionais de segurança, aliado ao constante enfrentamento do perigo, o que acaba naturalizando a violência. De toda sorte, esses resultados abrem caminhos para pesquisas futuras sobre esse tópico, ainda mais relevante em um país com altos índices de morte de agentes de segurança (Barbosa; Chaves; Dos Santos Almeida, 2020; Bomfim *et al.*, 2020; Puccini, 2023; Sales, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou investigar os efeitos da CPTED nos escores do medo do crime pessoal e altruísta em uma amostra no cenário brasileiro. Para tanto, diferentemente do que ocorre na maioria dos trabalhos sobre o medo do crime, foi utilizado um instrumento de medida com aportes psicométricos que possui evidências consistentes de validade e fidedignidade.

Convém apontar algumas ressalvas e limitações do presente estudo. Primeiro, dadas as características da amostra, o estudo não permite a realização de generalizações sobre a população brasileira. Segundo, foi utilizado apenas um par de fotografias como estímulo para cada uma das estratégias da CPTED estudadas (*i.e.* territorialidade e vigilância natural). Para novos estudos, sugere-se uma maior variabilidade de fotos/estímulos por estratégia, bem como a mensuração de outras variáveis da CPTED, tais como controle de acesso, *wayfinding* e justaposição geográfica. Contudo, tais limitações não comprometem as contribuições teóricas, metodológicas e aplicáveis do trabalho.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

Do ponto de vista teórico, o trabalho fortalece o modelo teórico da CPTED frente à redução do medo do crime pessoal, conforme demonstrado amplamente em outros estudos. Para além disso, esta pesquisa possui caráter inovador, ao mensurar o medo do crime altruísta no cenário brasileiro e distinguir o medo entre pessoas pertencentes e não pertencentes a forças de segurança. Ademais, a convergência dos resultados alcançados neste estudo com os resultados da literatura internacional evidencia seu caráter intercultural.

Na perspectiva metodológica, o estudo também inova ao valer-se de fotografias como estímulos para a medida dos efeitos da CPTED. Trata-se de um recurso amplamente utilizado em áreas como a psicologia ambiental, mas raramente utilizado nos instrumentos de pesquisas sobre medo do crime.

Na seara aplicável, os achados neste trabalho indicam que é possível se traçar melhor o perfil das pessoas mais suscetíveis ao medo do crime. Por um lado, o perfilamento do público-alvo permite que as políticas públicas de segurança possam ser direcionadas aos cidadãos de forma mais segmentada. Por outro lado, a medida do medo do crime pode ser usada para se aferir os resultados dessas políticas. Além disso, o monitoramento dos índices de medo do crime pode ajudar a superar a histórica carência de indicadores de eficiência policial no Brasil, que muitas vezes se limitam apenas ao acompanhamento dos registros de ocorrências (Rolim; Pereira, 2022).

Ao seu turno, os resultados indicam que as variáveis da CPTED não influenciam o medo do crime de maneira uniforme. Uma das implicações desse achado é a necessidade de que as intervenções relativas à CPTED sejam realizadas de forma customizada, a partir das singularidades de cada espaço que necessita de tais intervenções.

Esses achados são significativos porque apontam caminhos para melhores diagnósticos e, conseqüentemente, aplicações das políticas de segurança pública baseadas em evidências.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Fernandes; PROCOPIUCK, Mario. Segurança e gestão urbana: uma análise crítica da produção científica nacional. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo/SP, v. 15, n. 1, p. 40-57, 2021. DOI: <https://doi.org/10.31060/rbsp.2021.v15.n1.1159>.

ARMITAGE, Rachel. Design, crime and the built environment. In: TILLEY, Nick; SIDEBOTTOM, Aiden (Eds.). **Handbook of Crime Prevention and Community Safety**. Londres: Routledge, 2017, p. 234-253. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315724393>.

ARMITAGE, Rachel; MONCHUK, Leanne. What is CPTED? Reconnecting theory with application in the words of users and abusers. **Policing: a Journal of Policy and Practice**, v. 13, n. 3, p. 312-330, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1093/police/pax004>.

ARMITAGE, Rachel; TOMPSON, Lisa. The Role of Crime Prevention Through Environmental Design (CPTED) in Improving Household Security. In: GILL, Martin (Ed.). **The Handbook of Security**. Cham: Springer International Publishing, 2022, p. 909-930. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-91735-7_42.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

BALTAR, Fabiola; BRUNET, Ignasi. Social research 2.0: virtual snowball sampling method using Facebook. **Internet Research**, v. 22, n. 1, p. 57-74, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1108/10662241211199960>.

BARBOSA, Jefferson Fernando; CHAVES, Andréa Bittencourt Pires; DOS SANTOS ALMEIDA, Silvia. Victimization of police officers in the state of Pará (Brazil) in 2019. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5549>.

BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina; LORY, Fátima. O medo, a ansiedade e as suas perturbações. **Psicologia**, v. 19, n. 1/2, p. 267-277, 2005.

BOMFIM, Joara Raiza Fontes Barros; ALMEIDA, Giselle Santos; MELO, Juliana Lima; CARDOSO, Samara Oliveira; MOTA, Eva Bulcão; ALMEIDA, Gilcimar Adson Santos; ARAÚJO, Edna Maria; PORTELLA, Daniel Deivson Alves. Mortes de policiais militares e civis do Estado da Bahia no período de 2015 a 2016. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 102246-102260, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n12-647>.

BURKHARDT, Christine; DELGRANDE, Natalia; VILLETATZ, Patrice. Do police officers fear crime in the same way as the population?. **The Routledge International Handbook on Fear of Crime**, 2017.

CALLANAN, Valerie; TEASDALE, Brent. An exploration of gender differences in measurement of fear of crime. **Feminist Criminology**, v. 4, n. 4, p. 359-376, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/1557085109345462>.

CARVALHO, Denise; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 31, n. 5, p. 435-438, 2012. DOI: 10.1590/s1020-49892012000500012.

CASTILLO, Ana Regina; RECONDO, Rogéria; ASBAHR, Fernando; MANFRO, Gisele. Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, supl. 2, p. 20-23, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>.

CECCATO, Vania. The architecture of crime and fear of crime: research evidence on lighting, CCTV and CPTED features. In: CECCATO, Vania; NALLA, Mahesh (Eds.). **Crime and fear in public places: towards safe, inclusive and sustainable cities**. Routledge, 2022, p. 38-71. DOI: 10.1080/01924036.2020.1824716.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; BUENO, Samira (Coords.). **Atlas da Violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: 10.38116/riatlasdaviolencia2023.

CHATAWAY, Michael; BOURKE, Alexandra. Fear of crime, disorder, and quality of life. In: LERSCH, Kim; CHAKRABORTY, Jayajit (Eds.). **Geographies of behavioural health, crime, and disorder: the intersection of social problems and place**. Cham: Springer International Publishing, 2020, p. 137-163. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-33467-3_7.

CHIRICOS, Ted; HOGAN, Michael; GERTZ, Marc. Racial composition of neighborhood and fear of crime. **Criminology**, v. 35, n. 1, p. 107-131, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1997.tb00872.x>.

CHOI, Jaeyong; MERLO, Alida. Gender identification and the fear of crime: do masculinity and femininity matter in reporting fear of crime?. **Victims & Offenders**, v. 16, n. 1, p. 126-147, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/15564886.2020.1787282>.

COOK, Carrie; FOX, Kathleen. Fear of property crime: examining the effects of victimization, vicarious victimization, and perceived risk. **Violence and Victims**, v. 26, n. 5, p. 684-700, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.26.5.684>.

CORRÊA, Rosália do Socorro Silva; FERREIRA, Jane Farias; LOPES, Maria Lúcia Bahia; REBELLO, Fabrício Khoury. Efeitos do medo do crime na rotina e na saúde mental de adolescentes moradores da periferia de Belém (PA). **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 13, n. 1, p. 157-170, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31060/rbsp.2019.v13.n1.1025>.

COSTA, Arthur Trindade; DURANTE, Marcelo Ottoni. Medo do crime, desordens e coesão social no Distrito Federal. **Sociedade e Estado**, Brasília/DF, v. 36, n. 2, p. 613-637, 13 set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136020011>.

COSTA, Arthur Trindade; DURANTE, Marcelo Ottoni. A mídia e o medo do crime no Distrito Federal. **Opinião Pública**, Campinas/SP, v. 28, n. 2, p. 487-509, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022282487>.

COVINGTON, Jeanette; TAYLOR, Ralph. Fear of crime in urban residential neighborhoods: implications of between- and within-neighborhood sources for current models. **The Sociological Quarterly**, v. 32, n. 2, p. 231-249, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.1991.tb00355.x>.

COZENS, Paul; LOVE, Terence. A review and current status of crime prevention through environmental design (CPTED). **Journal of Planning Literature**, v. 30, n. 4, p. 393-412, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0885412215595440>.

CURTIS-HAM, Sophie; CANTAL, Clara; GRAVITAS RESEARCH LTD. Locks, lights, and lines of sight: an RCT evaluating the impact of a CPTED intervention on repeat burglary victimisation. **Journal of Experimental Criminology**, v. 19, n. 2, p. 397-424, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11292-021-09494-7>.

DANTAS, George Felipe de Lima; PERSIJN, Annik de; SILVA JÚNIOR, Álvaro Pereira da. Medo do crime. **O Alferes**, Belo Horizonte/MG, v. 62, n. 22, p. 11-49, 2007. Disponível em: <https://revista.policiamilitar.mg.gov.br/index.php/alferes/article/view/41>. Acesso em: 25 abr. 2026.

DRAKES, Oronde; TATE, Eric. Social vulnerability in a multi-hazard context: a systematic review. **Environmental Research Letters**, v. 17, n. 3, p. 1-17, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1088/1748-9326/ac5140>.

DUAN, Bin. **The robustness of trimming and winsorization when the population distribution is skewed**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Tulane University, New Orleans, 1998.

DULIN, Adam. The role of collective efficacy in shaping behavioral responses to fear of crime. **Criminology & Criminal Justice**, v. 25, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/17488958221140550>.

FENNELLY, Lawrence; PERRY, Marianna. **CPTED and traditional security countermeasures: 150 things you should know**. Boca Raton: CRC Press, 2018.

FIELD, Andy. **Discovering statistics using IBM SPSS statistics**. 4. ed. London: SAGE Publications, 2013.
FOSTER, Sarah; GILES-CORTI, Billie; KNUIMAN, Matthew. Does fear of crime discourage walkers? A social-ecological exploration of fear as a deterrent to walking. **Environment and Behavior**, v. 46, n. 6, p. 698-717, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013916512465176>.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

GABRIEL, Ute; GREVE, Werner. The psychology of fear of crime: conceptual and methodological perspectives. **The British Journal Of Criminology**, v. 43, n. 3, p. 600-614, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013916512465176>.

GERDES, Madison. Assessing the relationship between gun ownership and fear of mass shootings. **Social Science & Medicine**, v. 336, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2023.116288>.

GRAY, Emily; JACKSON, Jonathan; FARRALL, Stephen. Reassessing the fear of crime. **European Journal of Criminology**, v. 5, n. 3, p. 363-380, 2008. DOI: <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.996314>.

HALE, Chris. Fear of crime: a review of the literature. **International Review of Victimology**, v. 4, n. 2, p. 79-150, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1177/026975809600400201>.

HEBER, Anita. “The worst thing that could happen”: an altruistic fear of crime. **International Review of Victimology**, vol. 16, no. 3, p. 257–275, 1 dez. 2009. DOI 10.1177/026975800901600302. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/026975800901600302>.

HINSHAW, Stephen. Developmental psychopathology, ontogenic process models, gene-environment interplay, and brain development: an emerging synthesis. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 124, n. 4, p. 771-775, 2015. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/abn0000110>.

JACKSON, Jonathan. Validating new measures of the fear of crime. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 4, p. 297-315, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1080/13645570500299165>.

JACKSON, Jonathan; GRAY, Emily. Functional fear and public insecurities about crime. **The British Journal of Criminology**, v. 50, n. 1, p. 1-22, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1093/bjc/azp059>.

JACOBS, Jane. **The death and life of great American cities**. New York: Random House Inc., 1961.

KEANE, Carl. Evaluating the Influence of fear of crime as an environmental mobility restrictor on women’s routine activities. **Environment and Behavior**, v. 30, n. 1, p. 60-74, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013916598301003>.

KILLIAS, Martin. Vulnerability: towards a better understanding of a key variable in the genesis of fear of crime. **Violence and Victims**, v. 5, n. 2, p. 97-108, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.5.2.97>.

KILLIAS, Martin; CLERICI, Christian. Different measures of vulnerability in their relation to different dimensions of fear of crime. **The British Journal of Criminology**, v. 40, n. 3, p. 437-450, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1093/bjc/40.3.437>.

LANFEAR, Charles; MATSUEDA, Ross; BEACH, Lindsey. Broken windows, informal social control, and crime: assessing causality in empirical studies. **Annual Review of Criminology**, v. 3, p. 97-120, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-criminol-011419-041541>.

LEE, Jae Seung; PARK, Sungjin; JUNG, Sanghoon. Effect of Crime Prevention through Environmental Design (CPTED) Measures on Active Living and Fear of Crime. **Sustainability: Science Practice and Policy**, v. 8, n. 9, 2016. DOI: <https://www.mdpi.com/2071-1050/8/9/872>.

LEWIS, Dan; MAXFIELD, Michael. Fear in the neighborhoods: an investigation of the impact of crime. **The Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 17, n. 2, p. 160-189, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1177/002242788001700203>.

MACEDO, Francisco Guilherme Lima. **A influência dos valores humanos individuais e da atitude frente à arma de fogo no medo do crime**: estudo comparativo de uma região administrativa do Distrito Federal. 2021. 203 f. (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23282>. Acesso em: 7 set. 2022.

MELLO NETO, David Maciel. Zonas do Medo: variações geográficas do sentimento de (in)segurança no suplemento Vitimização e Acesso à Justiça da PNAD de 2009. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo/SP, v. 10, n. 2, p. 172-191, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31060/rbsp.2016.v10.n2.701>.

NASAR, Jack; FISHER, Bonnie. "Hot spots" of fear and crime: a multi-method investigation. **Journal of environmental psychology**, v. 13, n. 3, p. 187-206, 1993. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80173-2](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80173-2).

NOBLE, Julien; JARDIN, Antoine. From victimization to fear: fear of crime and its variations among victims. **The British Journal of Criminology**, v. 60, n. 2, p. 468-489, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/bjc/azz051>.

O'MALLEY, Pat. Risk, power and crime prevention. **Economy and Society**, v. 21, n. 3, p. 252-275, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1080/03085149200000013>.

OLIVEIRA, Cristiano Aguiar; SILVA, Daniele Mendes. Os impactos do medo do crime sobre o consumo de atividades de lazer no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo/SP, v. 15, n. 1, p. 156-173, 2021. DOI: <https://doi.org/10.31060/rbsp.2021.v15.n1.1179>.

OLIVEIRA, Elenice de Souza; DA SILVA, Braulio Figueiredo Alves; SILVA, Pietra Raissa; PINTO, Ana Marcela Ardila; MACEDO, Elisa Dilly Generoso. Examining safety perceptions across diverse bus systems in Brazil. **London Journal of Research in Management and Business**, v. 24, n. 2, p. 21-43, 2024. Disponível em: https://journalspress.com/ejournal/ejournal_LJRMB_Vol_24_Issue_2.pdf#page=35.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; GUNTHER, Hartmut; BLACK, Peter Ulrich Vieth. Acessando o medo do crime: um survey por meio da internet. **Psicologia Argumento**, Curitiba/PR, v. 30, n. 69, p. 411-421, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/23296>. Acesso em: 8 março 2022.

PUCINI, Luciano. A morte de policiais no estado do Rio de Janeiro: o dilema de se ser vítima ou herói. **Etnográfica**: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social, v. 27, n. 2, p. 553-568, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.14066>.

RAU, Macarena; CARTES, Ivan; GATICA, Francisco; PASCOE, Tim. Impact evaluation of situational prevention strategies and CPTED (Crime Prevention Through Environmental Design) in vulnerable neighborhoods in Latin America. **Journal of Applied Security Research**, v. 13, n. 4, p. 437-454, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/19361610.2018.1498254>.

RENGIFO, Andres; BOLTON, Amanda. Routine activities and fear of crime: specifying individual-level mechanisms. **European Journal of Criminology**, v. 9, n. 2, p. 99-119, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1477370811421648>.

ROLIM, Marcos; PEREIRA, Vanessa de Quadros. A eficiência policial e seus indicadores. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo/SP, v. 16, n. 3, p. 314-331, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31060/rbsp.2022.v16.n3.1445>.

ROSEN, Jonathan; CUTRONA, Sebastián. **Mano dura**: policies in Latin America. New York: Taylor & Francis, 2023.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

SALES, Eric Rodrigues. Vitimização e sobrevivência policial: uma análise sobre mortes violentas de policiais militares do Distrito Federal. **Revista Ciência & Polícia**, Brasília/DF, v. 7, n. 1, p. 35-55, 2021. DOI: <https://doi.org/10.59633/2316-8765.2021.159>.

SENNA, Isângelo. **Prevenção criminal pelo design do ambiente (CPTED) e o medo do crime: teoria, mensuração, efeitos e aplicações**. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31340>. Acesso em: 25 abr. 2026.

SENNA, Isângelo. **Crime e medo**: desenvolvimento de um modelo multi-método de Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) para espaços públicos urbanos e rurais. 2022. 232 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/46507>. Acesso em: 25 abr. 2026.

SENNA, Isângelo; IGLESIAS, Fabio; MATSUNAGA, Lucas Heiki; SILVA, Caroline Machado da. Territorialidade e medo do crime: questões conceituais e desafios metodológicos na prevenção criminal. **Estudos de Psicologia**, Natal/RN, v. 26, n. 4, p. 424-433, 2022. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/21829>. Acesso em: 25 abr. 2026.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da; BEATO FILHO, Claudio Chaves. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro/RJ, v. 30, p. S155-S170, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982013000400010>.

SNEDKER, Karen. Altruistic and vicarious fear of crime: fear for others and gendered social roles. **Sociological Forum**, v. 21, n. 2, p. 163-195, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11206-006-9019-1>.

STAFFORD, Mai; CHANDOLA, Tarani; MARMOT, Michael. Association between fear of crime and mental health and physical functioning. **American Journal of Public Health**, v. 97, n. 11, p. 2076-2081, 2007. DOI: <https://doi.org/10.2105/ajph.2006.097154>.

TORRES, Cláudio; MATTOS, Marcio; NASCIMENTO, Thiago; SOUZA, Wania; SILVA, Lucas. Risk perception and security attitudes: the role of human values on brazilian police officers and civilians. **Journal of Police and Criminal Psychology**, v. 38, n. 2, p. 353-368, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11896-022-09511-z>.

UNDP – United Nations Development Programme. 6 in 7 people worldwide plagued by feelings of insecurity, reports UN Development Programme. **Portal da UNDP**, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://www.undp.org/press-releases/6-7-people-worldwide-plagued-feelings-insecurity-reports-un-development-programme>. Acesso em: 9 fev. 2024.

VOZMEDIANO, Laura; SAN-JUAN, Cesar; VERGARA, Ana; ALONSO-ALBERCA, Natalia. “Watch out, sweetie”: the impact of gender and offence type on parents’ altruistic fear of crime. **Sex Roles: a Journal of Research**, v. 77, n. 9-10, p. 676-686, 2017. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s11199-017-0758-7>.

WARR, Mark; ELLISON, Christopher. Rethinking social reactions to crime: personal and altruistic fear in family households. **The American Journal of Sociology**, v. 106, n. 3, p. 551-578, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1086/318964>.

WEISBURD, David; WHITE, Clair; WIRE, Sean; WILSON, David. Enhancing informal social controls to reduce crime: evidence from a study of crime hot spots. **Prevention Science**, v. 22, n. 4, p. 509-522, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11121-020-01194-4>.

“Ninguém está seguro!” Efeitos da Prevenção Criminal pelo Design Ambiental (CPTED) no medo do crime pessoal e altruísta

Isângelo Senna da Costa, Alfredo Amorim Odorico, Jefferson Menezes Ismail e Fábio Iglesias

WILSON, James; KELLING, George. Broken windows. **The Atlantic**, v. 249, n. 3, p. 29-38, 1982. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

ZHANG, Fan; FAN, Zhuangyuan; KANG, Yuhao; HU, Yujie; RATTI, Carlo. “Perception bias”: deciphering a mismatch between urban crime and perception of safety. **Landscape And Urban Planning**, v. 207, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2020.104003>.

REVISTA
BRASILEIRA
DE **SEGURANÇA PÚBLICA**